vinetur

França arrancou 55 000 hectares de vinha em dois anos devido à quebra da procura de vinho

A produção de vinho aumentou 3% em 2026 após a desastrosa colheita de 2025, mas foi a segunda pior de que há registo em França

terça-feira, 17 de novembro de 2026



A indústria vitivinícola francesa registou uma ligeira recuperação em 2026, mas esta pouco alterou a contração mais profunda da produção e da área de vinha, num contexto em que a redução do consumo de vinho continua a transformar um dos setores agrícolas emblemáticos do país.

A RTL noticiou na segunda-feira, 16 de novembro, que as vinhas francesas produziram mais 3% de vinho em 2026 do que em 2025, depois de os viticultores concluírem a vindima. Apesar do aumento, a colheita de 2026 continuou a registar um volume historicamente baixo e, segundo a análise da estação, foi o segundo pior ano de que há registo, depois de 2025.

Os números revelam um desfasamento crescente nas regiões vitivinícolas francesas. As vinhas têm demonstrado maior capacidade para resistir a sucessivas ondas de calor do que muitas outras culturas, mas os produtores continuam a arrancar grandes áreas de vinha devido à quebra da procura de vinho.

Ao longo de 2025 e 2026, França arrancou 55 000 hectares de vinha, informou a RTL. O valor corresponde a mais de 7% da área vitícola nacional em apenas dois anos, um ajustamento estrutural acentuado num país há muito associado à produção de vinho em grande escala.

A quebra não se deve apenas às condições meteorológicas. Segundo a reportagem, o maior problema para os viticultores é a diminuição do consumo de vinho, que reduziu a necessidade de produção, apesar da relativa resistência das vinhas às temperaturas mais elevadas. Esta combinação criou aquilo que a RTL descreveu como um paradoxo para o setor: uma cultura que parece bem adaptada às alterações climáticas está a ser reduzida porque os consumidores compram e bebem menos vinho.

A vindima de 2026 suscitou inicialmente preocupação, uma vez que França foi afetada por sucessivas ondas de calor durante o ciclo vegetativo. No final, o resultado foi melhor do que muitos viticultores esperavam. Esta relativa resistência destacou-se face ao desempenho de outras culturas. A RTL indicou que as produtividades do milho destinado à alimentação animal e dos produtos hortícolas para conservas e congelados caíram entre 20% e 40%.

Um dos exemplos mais claros surgiu no Languedoc-Roussillon, a maior região produtora de vinho do país. Apesar do calor extremo no verão, a região produziu mais 25% de vinho em 2026 do que em 2025, segundo a RTL. Os dados citados da estação meteorológica de Lézignan, na zona de Corbières, mostram que, entre junho e agosto, período em que as uvas aumentam de volume, a temperatura máxima diária média

ultrapassou os 33 graus Celsius, ou cerca de 91 graus Fahrenheit. Este valor ficou 4,5 graus Celsius acima das médias sazonais.

A origem desta resistência está na própria planta. As raízes da videira podem atingir 3 a 5 metros de profundidade, o que lhes permite captar água em camadas mais profundas do solo, sobretudo após as chuvas de inverno e primavera. As culturas anuais, como o milho, o feijão-verde e a curgete, não desenvolvem sistemas radiculares tão profundos, ficando mais expostas a perdas acentuadas de produtividade quando desaparece a humidade à superfície.

Assim, do ponto de vista agronómico, as vinhas poderão estar mais bem posicionadas do que muitas outras culturas para enfrentar um clima mais quente. Segundo a RTL, está mesmo a ser considerada a possibilidade de as vinhas se expandirem gradualmente mais para norte à medida que as temperaturas aumentam. Mas a economia do vinho segue na direção oposta. A redução do consumo interno tem pressionado os produtores, obrigando o setor a diminuir a área plantada em vez de se preparar para uma expansão.

As consequências vão além dos viticultores. Uma redução desta dimensão na área de vinha poderá afetar gradualmente a oferta de vinho, as estratégias de aprovisionamento e as posições concorrenciais em todo o setor das bebidas, desde os engarrafadores e distribuidores até aos importadores que acompanham as variações dos volumes de produção franceses. Se a contração continuar, poderá alterar a forma como os compradores equilibram os vinhos franceses com a oferta de outros países produtores, mesmo que as condições meteorológicas não sejam a principal causa.

Há vários anos que o mercado francês enfrenta uma tendência de longo prazo de redução do consumo de vinho, integrada numa mudança mais ampla dos hábitos de consumo de bebidas. Embora a reportagem da RTL não quantifique essa quebra, apresenta-a como a principal razão por detrás da recente campanha de arranque de vinhas. Na prática, isto significa que o setor está a adaptar-se não só às pressões climáticas, mas também a uma base de clientes mais reduzida.

Para os produtores, os números de 2026 representam um alívio limitado. O aumento de 3% face à fraca colheita de 2025 mostra que o setor não colapsou perante as temperaturas elevadas do verão. Mas, como a comparação parte de um ano excecionalmente fraco, a recuperação não indica um regresso aos níveis de produção anteriores. Pelo contrário, evidencia quão baixo se tornou o ponto de partida.

O contraste entre a resistência biológica e a fragilidade do mercado deverá continuar no centro do debate sobre o vinho francês. As vinhas poderão continuar a resistir melhor do que muitas culturas vizinhas durante verões quentes e secos, mas essa resistência, por si só, não resolve a pressão comercial criada pela quebra do consumo e pela redução da área de vinha.